

Projeto de Pesquisa:

**ESTRUTURA INFORMACIONAL DA FRASE
E SEGMENTAÇÃO DO DISCURSO EM DRT**

Modalidade: Produtividade em Pesquisa, 2008-2010

Proponente: Sergio Menuzzi, UFRGS/CNPq

Agosto de 2007

0. Metas atingidas pelo projeto anterior

As metas do projeto anterior (Menuzzi 2004) eram: (a) contribuir para uma teoria da representação do discurso que permitisse explicitar as “funções discursivas” das “estruturas sintáticas marcadas”, e (b) identificar o papel discursivo de estruturas marcadas do português brasileiro. Concretamente, o que foi produzido foi: (a) um corpus de textos escritos em português brasileiro (cf. Maciel et al. 2007 para descrição), codificado para várias estruturas marcadas (por exemplo, topicalização contrastiva e deslocamento-à-esquerda); (b) vários trabalhos de análise destas estruturas e discussão teórica, incluindo artigos publicados e a publicar (Menuzzi e Miotto 2006, 2007; Maciel et al. 2007), trabalhos apresentados em congressos (Menuzzi 2005a,b, 2006b), de iniciação científica (Maciel et al. 2005, Rodrigues e Menuzzi 2007), dissertação de mestrado defendida (Santos 2006) e tese de doutorado a ser defendida (Olioni 2008). Para uma síntese do conteúdo e das conclusões destes trabalhos, ver a introdução ao presente projeto.

1. Introdução

Embora o projeto anterior do proponente tivesse entre seus objetivos principais contribuir para uma teoria da representação formal do discurso em que se pudesse explicitar¹ as “funções discursivas” das “construções informacionalmente marcadas” (como a inversão verbo-sujeito, a topicalização contrastiva e o deslocamento-à-esquerda), o progresso nessa área foi limitado: as conclusões dos vários trabalhos associados à pesquisa desenvolvida foram de caráter geral, apenas indicativas da natureza da representação do discurso e de sua interface com a estrutura informacional da frase.

Como previsto naquele projeto, foram exploradas diferentes perspectivas de análise para esta interface – em parte, numa busca indutiva por um *framework* adequado ao problema: (a) em Menuzzi (2005, 2007), o papel discursivo das estruturas informacionais dos focos não-marcados (elemento focal com acento nuclear em posição final ou dentro do “comentário”) e dos tópicos contrastivos foram comparadas à luz da abordagem baseada no conceito de “Question under Discussion” (Roberts 1996, Büring 2003); (b) dois estudos empíricos, de corpus, das construções de tópico contrastivo e de deslocamento-à-esquerda foram realizados sob orientação do proponente (Maciel et al. 2005, Santos 2006; cf. Maciel et al. 2007) explorando as hipóteses de Givón (1990, 1992, 1993) sobre o papel discursivo destas duas construções²; os resultados destes dois trabalhos foram teoricamente discutidos (c) à luz da abordagem cartográfica das construções marcadas (Rizzi

¹ Apenas para esclarecer um ponto de ideologia lingüística: para o presente autor, não faz sentido, em português padrão brasileiro, tratar *se* com verbos transitivos como elemento passivador.

² Há ainda um outro estudo sob orientação do proponente, ainda em desenvolvimento, explorando abordagens funcionalistas da relação entre “estrutura informacional” *grasso modo* e organização do discurso: Olioni (2008).

1997; cf. Mioto 2001 para o PB) em Menuzzi (2006)³, e (d) à luz de uma tentativa de incorporação da articulação tema-remática em DRT (Korbayova 1998) em Rodrigues e Menuzzi (2007). O conjunto dos resultados destes trabalhos, embora não tenha desembocado em nenhuma tentativa mais detalhada de formalização, levou a certas conclusões gerais sobre o tipo de estrutura que deve ser incorporado às representações semântico-pragmáticas do discurso, e sobre o modo de interação destas representações com a estrutura informacional das frases.

Em linhas gerais e resumidamente, são duas as principais conclusões: em primeiro lugar, as estruturas informacionalmente marcadas parecem ser “multifuncionais” no que diz respeito à sua contribuição específica para a organização do discurso – especialmente para a organização temática; em segundo lugar, a função discursiva específica que executam num certo discurso depende da interação entre a “articulação informacional” que expressam e a própria organização temática do discurso para o qual contribuem.

2. Interação entre estrutura informacional e organização temática

Com relação à “multifuncionalidade” das diferentes estruturas marcadas, o fato básico é: ainda que hipoteticamente expressem uma estrutura ou articulação informacional constante (o que, diga-se de passagem, não está conclusivamente estabelecido), podem contribuir de diferentes maneiras para o fluxo temático do discurso. Podem, por exemplo, ora manter uma certa orientação temática, ora criar um ponto de ruptura temática, iniciando um novo segmento do texto. Isso pode ser ilustrado pelas duas versões apresentadas abaixo de um mesmo “texto”, ambas as versões com a mesma estrutura temática básica (textos adaptados de exemplo de Lambrecht 1994, p. 160; o exemplo original é de E. Prince)⁴:

(1)

[a] Eu acabei meu curso SECUNDÁRIO sendo considerado um aluno MÉDIO. [b] NUNCA me esforcei para conseguir mais do que ISSO. [c] *História* eu achava uma matéria muito CHATA. [d] *Com matemática* eu nunca me dei muito BEM. [e] Eu achava CIÊNCIAS interessante e [f] adorava EDUCAÇÃO FÍSICA, é claro.

(2)

[a] Eu acabei meu curso SECUNDÁRIO sendo considerado um aluno MÉDIO. [b] NUNCA me esforcei para conseguir mais do que ISSO. [c] Eu achava HISTÓRIA uma matéria muito chata e [d] nunca me dei muito bem com MATEMÁTICA. [e] *Ciências* eu achava INTERESSANTE e [f] *educação física* eu ADORAVA, é claro.

Como se vê em (1), construções de tópico contrastivo podem inaugurar e manter uma seqüência temática, como a ilustrada pelo segmento discursivo composto pelas sentenças [c,d]; e esta seqüência pode ser interrompida, e outra iniciada, por uma construção de “foco não-marcado”, como a ilustrada pela seqüência formada pelas sentenças [e,f]. A versão em (2) do texto mostra o padrão inverso, em que as construções de “foco não-marcado” e “tópico contrastivo” trocam de “função discursiva” (ver Menuzzi 2005, 2007 para discussão detalhada).

Assim, as construções de “foco não-marcado” e “tópico contrastivo” *podem* ter a mesma “função discursiva básica”, do ponto de vista da organização temática do discurso. Isso levanta duas possibilidades: ou essa similaridade funcional se deve ao fato de que podem expressar uma mesma “articulação informacional” (contrariamente, por exemplo, à análise de Büring 2003); ou se deve ao fato de que a “função discursiva” de uma certa articulação informacional é, na verdade, o resultado

³ O projeto anterior também resultou em um outro trabalho relacionado às tentativas de expressão de aspectos relevantes da estrutura informacional por meios sintagmáticos: Menuzzi & Mioto (2006).

⁴ Itálico é usado para expressar a proeminência associada ao tópico contrastivo (o “acento B” de Jackendoff 1972), e caixa alta é usada para expressar os demais acentos frasais da sentença, associados com o(s) foco(s) informacional(is) (os “acentos As” de Jackendoff). Ver Menuzzi (2005, 2007) e referências lá citadas.

da interação entre ela e a organização temática subjacente do discurso no qual está inserida e para o qual contribui. Como já se disse acima, esta é a segunda conclusão geral a que se chegou na pesquisa anterior desenvolvida pelo proponente e seus orientandos, e é também a idéia geral que se pretende explorar na pesquisa sendo proposta no presente projeto.

Antes, entretanto, de mostrar o principal argumento a favor desta última possibilidade, deve-se mencionar, ainda que de passagem, que os resultados de outros dois trabalhos desenvolvidos sob as diretrizes da pesquisa anterior (Maciel et al. 2005 e Santos 2006) também sustentam a idéia da “multifuncionalidade” das diferentes estruturas marcadas; em particular, também indicam o mesmo fenômeno atestado por (1) e (2), qual seja, o fato de que diferentes “estruturas marcadas” podem ter “função discursiva” similar.

Os dois trabalhos mencionados procuravam verificar se as hipóteses de Givón (1992, 1993) acerca das propriedades textuais da topicalização contrastiva (TOC) e do deslocamento-à-esquerda (DE) se confirmavam num corpus de português brasileiro escrito. Para Givón, as duas construções possuíam funções discursivas distintas: TOC daria continuidade a um segmento temático por contraste, e DE teria como função básica a ruptura temática. Assim, para ele, as duas estruturas deveriam apresentar propriedades textuais antagônicas: a TOC deveria estar associada a um referente com baixa “distância referencial” (distância em relação ao “antecedente contrastivo” em número de orações precedentes), baixa “persistência tópica” (continuidade de menção em número de orações subseqüentes), e deveria ocupar uma posição medial em um segmento temático; o DE, ao contrário, deveria estar associado a um referente com alta “distância referencial” (em relação a sua última menção), alta “persistência tópica”, e deveria ocupar a posição inicial de um segmento temático.

Entretanto, Maciel et al. (2005) mostram que, no corpus estudado, a TOC e o DE diferem muito menos em persistência tópica do que o imaginado por Givón (médias de 1,0 e 0,4 orações subseqüentes). E, de modo similar, Santos (2006) mostra que, embora DE e TOC apresentem, de fato, diferenças com relação à sua distribuição no texto, ainda assim a maior parte de suas ocorrências (em torno de 50% das ocorrências de ambas) ocupam basicamente a mesma posição – a de início de (sub)segmentos do parágrafo temático. Tanto os resultados de Maciel et al. (2005) quanto os de Santos (2006) indicam que ainda que expressem “articulações informacionais” diferentes, a TOC e o DE são menos dessemelhantes discursivamente do que se poderia imaginar. Isto é, podem ter funções discursivas diferentes, mas também podem tê-las semelhantes. Isso, é claro, sustenta a idéia de que, ainda que expressem uma “articulação informacional” única, esta articulação informacional pode ser “multifuncional” em sua contribuição para a organização do discurso. (Ver também Maciel et al. 2007 para síntese e discussão mais detalhada dos resultados mencionados.)

Como se disse antes, há entretanto razões para crer que, embora possam ter “função discursiva” semelhante, as diferentes estruturas marcadas possuem “articulações informacionais” distintas. O principal argumento para esta conclusão se baseia no fato de que, se se explicita a estrutura temática subjacente do discurso em termos da hierarquia de suas “questions under discussion” (cf. van Kuppevelt 1995, 1996, e Büring 2003), pode-se então verificar qual a articulação informacional correspondente a cada estrutura. Para os textos (1) e (2) acima, teríamos então as seguintes estruturas (3) e (4), respectivamente (ver Menuzzi 2005):

(3)

[a] (QUD1: Como você foi na escola? R:) Eu acabei meu curso SECUNDÁRIO sendo considerado um aluno MÉDIO. [b] (QUD2: Por quê? R:) NUNCA me ESFORCEI para conseguir mais do que ISSO. [c] (QUD3: Por quê? Como era sua relação com cada matéria? Sub-QUD3a: Como era sua relação com as “matérias problemáticas” para você: história, matemática, etc.? R:) *História* eu achava uma matéria muito CHATA. [d] *Com matemática* eu nunca me dei muito BEM. [e] (Sub-QUD3b: Quais eram as matérias que você apreciava? R:) Eu achava CIÊNCIAS interessante e [f] adorava EDUCAÇÃO FÍSICA, é claro.

(4)

[a] (QUD1: Como você foi na escola? R:) Eu acabei meu curso SECUNDÁRIO sendo considerado um aluno MÉDIO. [b] (QUD2: Por quê? R:) NUNCA me ESFORCEI para conseguir mais do que ISSO. [c] (QUD3: Por quê? Como era sua relação com cada matéria? Sub-QUD3a: Quais eram as “matérias problemáticas” para você? R:) Eu achava HISTÓRIA uma matéria muito chata e [d] nunca me dei muito bem com MATEMÁTICA. [e] (Sub-QUD3b: Como era sua relação com as matérias que você apreciava: ciências, educação física, etc.? R:) *Ciências* eu achava INTERESSANTE e [f] *educação física* eu ADORAVA, é claro.

À luz das QUDs subjacentes às duas versões do discurso, pode-se ver que a TOC e a DE, embora contribuam essencialmente para uma mesma organização temática, continuam preservando articulações informacionais diferentes. Em particular, o elemento topicalizado, numa estrutura de tópico contrastivo, *não* é o “foco informacional” da sentença; pertence, antes, ao seu *ground* ou pressuposição. (Ver Menuzzi 2007 para maiores detalhes.)

Assim, parece claro que tanto a topicalização contrastiva quanto as construções de “foco não-marcado” podem “dar continuidade” a um mesmo tipo de segmento temático, ou podem criar uma ruptura temática nele, *dependendo da posição que ocupam e que, simultaneamente, sinalizam na organização temática subjacente a este segmento discursivo*. Acredito que os resultados de Maciel et al. (2005) e Santos (2006) indicam que observações análogas valem para a caracterização das funções do deslocamento-à-esquerda relativas às da topicalização contrastiva.⁵ Ou, mais genericamente: diferentes “articulações informacionais” podem exercer funções semelhantes dentro de uma mesma estrutura temática maior dependendo da posição precisa que ocupam dentro dela. É preciso, então, incorporar à teoria da organização do discurso uma representação com propriedades como as expressas pela hierarquia de QUDs: neste tipo de representação, parece possível estabelecer-se uma interação entre estrutura informacional da frase e estrutura temática do discurso em que a primeira simultaneamente determina e é determinada pela segunda.

A proposta do presente projeto é perseguir esta idéia, mas dentro do framework da *Discourse Representation Theory* (DRT), pelas razões que serão apresentadas nas próximas seções.

3. Por que segmentação do discurso e estrutura informacional em DRT

Como se sabe, a DRT é um dos frameworks que surgiram, a partir do começo da década de 80, na tentativa de incorporar aspectos dinâmicos do discurso à abordagem referencial, baseada nas condições de verdade, do significado (ver Kamp & Reyle 1993, Kamp et al. 2005). Isto é, a DRT procura estender a análise referencial, “truth-conditional”, do significado para dependências que extrapolam o domínio da sentença e que possuem um “caráter incremental” sobre as representações do discurso. Por exemplo, uma das principais motivações das semânticas dinâmicas em geral, e da DRT em particular, é a de tentar explicar como NPs indefinidos são capazes de estabelecer dependências referenciais que ora se limitam ao domínio da sentença, ora cruzam este mesmo domínio – em cujo caso o discurso pode ser interpretado como sendo “sobre” o referente introduzido pelo indefinido (portanto, em cujo caso o definido pode ser o “tópico” do discurso). Para dar um exemplo simples do tipo de fato para o qual a DRT e as demais semânticas dinâmicas procura fornecer uma explicação, considere os exemplos abaixo:

⁵ Do mesmo modo, Naro & Votre (1999) argumentam que a inversão verbo-sujeito possui um “significado discursivo” básico (nos termos deste projeto, provavelmente expressam uma “articulação informacional” básica), expresso pelo que chamam de “Princípio da Baixa Tensão”. Este “significado discursivo básico”, entretanto, pode ter “funções discursivas” diferentes: ora permite introduzir um referente que virá a se tornar “tópico do discurso”, ora simplesmente introduz ou sinaliza que o referente não é importante para o fluxo temático central. Eventualmente, eu gostaria de incorporar as intuições de Naro & Votre em uma análise formal da estrutura informacional e da estrutura temática do discurso.

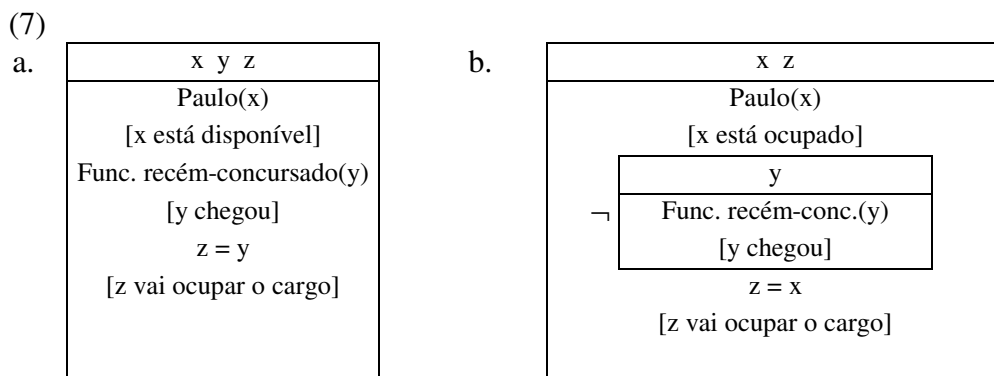
- (5)
- Um funcionário recém-concursado chegou e, por isso, ele ocupou o cargo.
 - Não é verdade que um funcionário recém-concursado chegou e, por isso, ele ocupou o cargo.

Evidentemente, o pronome *ele* pode ser ligado anaforicamente a *um funcionário recém-concursado* tanto em (5a) quanto em (5b). Entretanto, somente em (6a) abaixo isso é possível e, portanto, somente (6a), e não (6b), poderia ser um discurso sobre um referente denotado por *um funcionário público*:

- (6)
- Paulo está disponível. Mas um funcionário recém-concursado chegou. Por isso, ele vai ocupar o cargo.
 - Paulo está ocupado. Mas não é verdade que um funcionário recém-concursado chegou. Por isso, ele vai ocupar o cargo.

Ou seja, a relação anafórica só pode cruzar o domínio da sentença em (6a), e não em (6b). A DRT e outras semânticas dinâmicas tentam explicar fatos como este procurando expressar formalmente as seguintes intuições: (a) “discursos” são seqüências lineares de proposições que são interpretadas como informações sobre certos referentes de um domínio; (b) NPs, como o indefinido *um funcionário recém-concursado* em (5) e (6), introduzem estes domínios e o processamento de NPs pode definir relações de hierarquia entre diferentes domínios de discurso (esta idéia basicamente estende ao processamento do discurso a idéia de que há relações de escopo entre NPs); (c) finalmente, outros “operadores semânticos” podem também interferir nas relações de hierarquia entre estes domínios de discurso.

É isso o que ocorre em (6b): a negação lógica introduz um domínio de discurso subordinado ao introduzido por *Paulo*; e o referente denotado por *um funcionário recém-concursado* é introduzido no domínio da negação. As representações gráficas que a DRT constrói para os discursos (6a) e (6b) estão em (7a) e (7b) respectivamente:



Como se pode ver nas representações em (7), somente em (7a) o referente introduzido por *um funcionário recém-concursado* está no mesmo “domínio do discurso” em que o referente do pronome é introduzido – e, portanto, somente neste domínio ele está “acessível” ao pronome, que pode então identificar os dois referentes. (Os referentes do discurso introduzidos pelos NPs são as variáveis x, y e z nas representações.)⁶

⁶ Evidentemente, para simplificar a exposição, vários aspectos de sentido dos discursos em (6) não são representados em (7) – entre os quais estão os efeitos contra-suposicionais da conjunção *mas*. Note-se que, em função destes, a fim de se conservar o paralelismo dos discursos (6a) e (6b) quanto aos aspectos pertinentes à interpretação do pronome, é preciso fazer predicacões postas com respeito a Paulo.

Mas por que este framework poderia ser importante para o tipo de problema que este projeto pretende investigar – para a interação entre articulação informacional da frase e “segmentação do discurso” em unidades temáticas?

A primeira razão diz respeito à generalidade da análise. A DRT veio a se tornar um dos frameworks mais difundidos de semântica formal, e tem sido especialmente desenvolvida para lidar com vários aspectos da semântica e da pragmática do discurso. Isso inclui não apenas vários trabalhos dedicados a diferentes aspectos da articulação informacional das frases (articulação foco-suposição, cf. van der Sandt 1992, Geurts e van der Sandt 1997, Geurts e van der Sandt 2004; articulação tema-remática, cf. Korbayova 1998; articulação tópico-foco, cf. Bende-Farkas et al. 2003, Kamp 2004); também inclui o desenvolvimento de uma teoria que permite identificar segmentos do discurso estabelecidos por meio de “relações retóricas” (*elaboração, explicação, exemplificação, contraste*, etc.) e “de coerência” (*temporais, causais, espaciais*, etc.) (cf. Asher 1993, Asher e Lascarides 2003). Assim, a DRT desenvolveu recursos formais tanto para a análise da articulação informacional da frase quanto para certos tipos de segmentação temática do discurso. Isso nos permite antecipar que é possível investigar o tipo de interação discutido na seção anterior sob a perspectiva da DRT e contando com os recursos formais da teoria. Também significa dizer que seu estudo dentro da DRT tem a vantagem adicional de dialogar com aspectos da teoria que foram motivados por razões independentes – e, portanto, uma explicação baseada em tais aspectos tende a ter ramificações empíricas que não teria em outros frameworks.

Eu gostaria de encerrar o presente projeto com um argumento de plausibilidade empírica a favor da idéia de que um framework como a DRT é do tipo adequado para o estudo da interação entre estrutura informacional da frase e estrutura temática do discurso. O argumento tem a seguinte lógica: (a) o tipo de segmentação discursiva proposto pela DRT para dar conta de aspectos da anáfora pronominal – que leva em conta a “modalidade” dos segmentos discursivos – é também pertinente para a segmentação temática do discurso; (b) o tipo de segmentação temática introduzido pelas construções informacionalmente marcadas – que leva em conta e/ou estabelece a hierarquia de “tópicos” do discurso – é também pertinente para a resolução da anáfora pronominal; (c) de (a) e (b) se conclui que ambas as segmentações ou são iguais, ou são semelhantes e se sobrepõem em alguns aspectos.

4. “Modalidade”, Anáfora e Segmentação Temática

Como mencionei na seção anterior, parte do esforço da DRT tem sido o de identificar “operadores semânticos” que atuam sobre as representações do discurso definindo “subdomínios” discursivos e, com isso, fronteiras para o estabelecimento de relações de sentido que cruzam um discurso. A negação é um destes operadores e, mais genericamente, incluem-se entre eles precisamente aqueles que afetam o conteúdo de asserção do discurso. Ou, em outros termos, entre os operadores semânticos das proposições, incluem-se entre os que definem “domínios discursivos” aqueles que, de algum modo, enfraquecem ou alteram o conteúdo de verdade assertado pelas proposições sobre as quais atuam. Este é claramente o caso da negação lógica, que justamente asserta que a(s) proposição(ões) sob seu escopo *não* são verdadeiras. Um outro exemplo que pode ilustrar a mesma generalização é a diferença entre os operadores de conjunção e disjunção lógica, ilustrada em (8):

(8)

- a. Paulo sentou para tomar café e encontrou uma moça. Ela é muito bonita.
- b. Ou Paulo sentou para tomar café, ou encontrou uma moça. Ela é muito bonita.

Intuitivamente, a razão para a “incoerência” do discurso em (8b), por oposição à perfeita naturalidade de (8a), é óbvia: como a disjunção lógica não permite deduzir a verdade das proposições sobre as quais atua, não é possível que o indefinido *uma moça* possa ter um escopo mais amplo que o da própria disjunção – portanto, não pode fazer parte do “domínio do discurso” (8b) como um todo. Reiterando: operadores que afetam a verdade do conteúdo assertado definem

domínios discursivos próprios e, portanto, barreiras para certas relações de sentido – como a da anáfora com indefinidos.

Evidentemente, outro caso que entra na mesma categoria – e que portanto pode receber um tratamento análogo em DRT são os casos de “modal subordination”, ilustrados pela oposição em (9) abaixo (exemplos adaptados de Roberts 1996b):

(9)

- a. Você *deveria* comprar um cartão de loteria e *deveria* colocá-lo num cofre.
Ele vale milhões de reais.
- b. Você *deveria* comprar um cartão de loteria e *deveria* colocá-lo num cofre.
Ele *poderia* valer milhões de reais.

Intuitivamente, o contraste, de novo, é óbvio: verbos auxiliares como *deveria* e *poderia* pertencem ao que se chama, descritivamente, de “modalidade *irrealis*” e “enfraquecem o conteúdo de verdade do assertado” de modo semelhante à negação e à disjunção lógica. Daí porque o discurso (9a) é incoerente: a primeira sentença pertence ao domínio da “modalidade *irrealis*” introduzida por *deveria*, e a segunda sentença pertence ao domínio da “modalidade *realis*” introduzida pelo tempo verbal do presente. A diferença de modalidade das duas sentenças cria uma “fronteira discursiva”, e a relação de anáfora entre *um cartão de loteria* e *ele* é bloqueada. A compatibilidade modal das duas sentenças em (9b), ao contrário, mostra que há ali apenas um “domínio discursivo” – o da “modalidade *irrealis*” – e portanto a relação anafórica é possível. Assim, a “modalidade” da sentença pertence, como a negação e a disjunção lógica, ao tipo de operador semântico que cria segmentações discursivas que limitam, por exemplo, as relações de anáfora pronominal – isto é, o tipo de segmentação discursiva incorporado nas representações discursivas da DRT.

Aqui, uma observação de Givón (1990, 1993) se torna essencial: a modalidade sentencial também é responsável pela organização temática do discurso. Mais precisamente, as sentenças que pertencem a mesma modalidade normalmente formam uma unidade temática ou segmento discursivo, e este não pode ser integrado por sentenças com outra modalidade. É isso, segundo Givón, o que explica a impossibilidade do discurso em (10c), por oposição a (10a,b):

(10)

- a. João estava exausto e, quando chegou, foi direto para a cama. Ele dormiria até as 10 se pudesse.
- b. João estava exausto. Quando chegou, foi direto para a cama. Ele dormiria até as 10 se pudesse.
- c. João estava exausto. Quando chegou, foi direto para a cama e dormiria até as 10 se pudesse.

A pontuação nos discursos em (10) mostra que sentenças podem estar integradas em uma unidade temática; em particular, a vírgula sinaliza justamente que duas sentenças podem formar uma unidade. E (10c) se revela um discurso mal-segmentado precisamente pela incompatibilidade de modalidade de suas sentenças. Assim, parece claro que o tipo de segmentação discursiva incorporado nas representações da DRT são pertinentes para a organização temática do discurso – aquela sobre a qual atuam também a articulação informacional das frases, como se discutiu acima.

E o inverso também é verdade: é bem sabido (ver Ariel 1990, Givón 1992, Lambrecht 1994, entre muitos outros) que o tipo de segmentação temática introduzido pelas articulações foco-suposição, foco-tópico, tema-remática, etc., são pertinentes para relações de sentido como a anáfora pronominal (isto é, para o tipo de relação de sentido sobre as quais atua a segmentação da DRT). Isso pode ser ilustrado pelo contraste entre as versões abaixo do mesmo texto (o original é (11), extraído de um texto biográfico sobre Freud encontrado no site do Instituto Freud, de Juiz de Fora MG, página <http://www.institutofreud.com.br/bio.htm>):

(11)

[Freud] Teve uma babá que o levava à missa católica, mas ele nunca formou uma convicção religiosa. Conservou, no entanto, hábitos judeus. Aos 30 anos de idade, seu pai presenteou-lhe com uma Bíblia, que ele parece ter lido com um marcante interesse científico.

Em sua juventude, ___1 era inclinado à especulação, que ___2 foi depois substituída por apaixonada defesa do empirismo e que ___3 retomaria ___4 ao fim da vida.

(12)

[Freud] Teve uma babá que o levava à missa católica, mas ele nunca formou uma convicção religiosa. Conservou, no entanto, hábitos judeus. Aos 30 anos de idade, seu pai presenteou-lhe com uma Bíblia, que ele parece ter lido com um marcante interesse científico.

Em sua juventude, ___1 era inclinado à especulação, que ___2 foi depois substituída por apaixonada defesa do empirismo. No final de sua vida, ___3 voltaria a preocupar-se com questões de cunho especulativo, filosófico.

O contraste que interessa aqui é o relativo à interpretação anafórica do sujeito pronominal oculto representado pela lacuna “___3” em ambas as versões. Deve estar claro que a versão em (11) é relativamente “disfuncional” em relação à interpretação anafórica desta lacuna, enquanto que (12) a torna facilmente interpretável. O efeito aqui é facilmente explicável sob a hipótese de que, em regra, sujeitos pronominais ocultos tomam como antecedente o referente mais saliente ou tópico *dentro de sua unidade temática* (como geralmente admitido nas referências acima citadas).

Em (11), a lacuna em questão aparece como sujeito da oração relativa que está coordenada com a relativa “que ___2 foi depois substituída por ...”; estando ambas coordenadas, formam uma unidade temática, cujo referente mais saliente é aquele que é o tópico da primeira, qual seja, “a especulação”. Daí porque é relativamente difícil resolver a lacuna “___3” como “Freud” em (11): em virtude da organização temática do texto, há competição com “a especulação”.

Já em (12), o uso do deslocamento-à-esquerda do adjunto adverbial “No final de sua vida” tem basicamente dois efeitos: cria uma ruptura temática com a unidade inaugurada pela relativa “que ___2 foi depois substituída por ...”; e, pelo efeito de paralelismo da articulação informacional, coloca a nova unidade temática no mesmo nível da unidade estabelecida pela sentença “Em sua juventude, ___1 era inclinado à especulação...”. Ora, nesse nível de segmentação temática, o referente “mais saliente” ou “tópico” é Freud: daí, a resolução anafórica adequada da lacuna “___3” em (12).

Casos como os discutidos acima parecem indicar que não apenas a segmentação do discurso fornecida pela DRT é importante para a identificação das unidades temáticas do discurso, como também as unidades temáticas sinalizadas pelas estruturas informacionalmente marcadas são pertinentes para as relações de sentido investigadas pela DRT. Eis a razão pela qual o presente projeto se propõe a estudar a interação entre a articulação informacional da frase e a segmentação temática do discurso sob a perspectiva da DRT.

5. Objetivos do trabalho

Pode-se resumir os objetivos da proposta apresentada neste projeto do seguinte modo:

Como objetivo geral, o que se pretende é explorar, dentro do framework da DRT, a idéia de que as diferentes articulações informacionais da frase portuguesa podem contribuir para a identificação dos segmentos temáticos do discurso; mas essa contribuição só parcialmente é determinada pela articulação informacional da frase em si; parte de sua função depende da própria organização temática na qual opera.

Como objetivos específicos, o que se pretende é: (a) revisar os trabalhos em DRT dedicados à estrutura informacional e à segmentação temática do discurso; (b) procurar ver se os diferentes componentes desenvolvidos pela teoria para dar conta destes aspectos, quando articulados entre si, são capazes de dar conta dos vários tipos de interação entre a articulação informacional da frase e a estrutura do discurso discutidos neste projeto; (c) reformular a teoria na medida em que as interações que se quer explicar exigirem; (d) verificar novas conseqüências empíricas, como, por

exemplo, as relativas ao papel da articulação informacional da frase para a determinação dos domínios discursivos de anáfora.

6. Referências bibliográficas

- Ariel, M. (1990) *Accessing NP antecedents*. Londres & Nova Iorque: Routledge.
- Asher, N. (1993) *Reference to Abstract Objects in Discourse*. Dordrecht: Kluwer.
- Asher, N.; Lascarides, A. (2003) *The Logics of Conversation*. Cambridge (Ingl.): Cambridge Univ. Press.
- Bende-Farkas, A.; van Genabith, J.; Kamp, H. (2003) *DRT: An Updated Survey. Lecture V: Information Structure in DRT*. ESSLLI 2003, Viena.
- Büring, D. (2003) *On D-Trees, Beans, and B-Accents*. *Linguistics & Philosophy* 26, 511-545.
- Geurts, B.; van der Sandt, R. (1997) *Presuppositions and backgrounds*. *Proceedings of the 11th Amsterdam Colloquium*.
- Geurts, B.; van der Sandt, R. (2004) *Interpreting Focus*. *Theoretical Linguistics* 30, 1-44.
- Givón, T. (1990) *Syntax: A Functional-Typological Introduction, Vol II*. John Benjamins, Amsterdã.
- Givón, T. (1992) *The grammar of referential coherence as mental processing instructions*. *Linguistics* 30, 5-55.
- Givón, T. (1993) *English Grammar: A Function-Based Introduction, Vols. I e II*. Amsterdã: John Benjamins.
- Jackendoff, R. (1972) *Semantics in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Kamp, H. (2004) *Information Structure in a Dynamic Theory of Meaning*. In *Proceedings of the Linguistic Society of Korea 2004*.
- Kamp, H.; Reyle, U. (1993) *From Discourse to Logic*. Kluwer, Dordrecht.
- Kamp, H.; van Genabith, J.; Reyle, U. (2005) *Discourse Representation Theory*. In D. Gabbay e F. Guenther, eds., *Handbook of Philosophical Logic*, vol. 13. Dordrecht: Kluwer.
- Kruijff-Korbayova, I. (1998) *The Dynamic Potential of Topic and Focus: a Praguian Approach to Discourse Representation Theory*. Tese de doutorado, Dept. de Matemática e Física da Charles University, República Checa.
- Lambrecht, K. (1994) *Information Structure and Sentence Form: Topic, Focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge University Press, Cambridge (Inglaterra).
- Maciel, C.; Menuzzi, S.; Rodrigues, G.; Santos, J. (2007) *Deslocamento-à-esquerda e topicalização contrastiva no português: índices de topicalidade, distribuição textual e função discursiva*. Artigo em preparação. Porto Alegre: CNPq/Programa de PG em Letras da UFRGS.
- Maciel, C.; Menuzzi, S.; Santos, J. (2005) *Deslocamento-à-esquerda e topicalização contrastiva: índices de topicalidade*. Trabalho apresentado no Salão de Iniciação Científica da PUCRS. Porto Alegre: CNPq/Programa de PG em Letras da PUCRS.
- Menuzzi, S. (2004) *Sobre a perspectiva funcional da frase em português: revisitando o papel das “estruturas sintáticas marcadas”*. Projeto de produtividade em pesquisa submetido ao CNPq. Porto Alegre: Programa de PG em Letras da PUCRS.
- Menuzzi, S. (2005a) *Sobre a semântica do foco e seu uso no discurso*. Trabalho apresentado no IV Congresso Internacional da ABRALIN. Brasília: UnB.
- Menuzzi, S. (2005b) *Foco e a sintaxe das ordens [V Adv Compl] e [V Compl Adv] em PB*. Trabalho apresentado no Encontro do GT “Teoria da Gramática” da ANPOLL. Ouro Preto: UFMG.
- Menuzzi, S. (2006) *Estrutura sintática: fatos e teorias*. Trabalho apresentado no VII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (VII CELSUL). Pelotas: UCPEL.
- Menuzzi, S. (2007) *Sobre a semântica das construções de foco e de tópico contrastivo, e seu uso no discurso*. Artigo em preparação. Porto Alegre: CNPq/Programa de PG em Letras da UFRGS.
- Menuzzi, S.; Mioto, C. (2006) *Advérbios monossilábicos pós-verbais no PB: sobre a relação entre sintaxe e prosódia*. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14:2, p. 211-244, 2006.

- Mioto, C. (2001) Sobre o sistema CP no português brasileiro. *Revista Letras* 56, 97-140. Curitiba: Editora da UFPR.
- Naro, A.; Votre, S. (1999) Discourse Motivations for Linguistic Regularities: Verb-Subject Order in Spoken Brazilian Portuguese. *Probus* 11, 75-100.
- Olioni, R. (2008) Estrutura temática e modo de desenvolvimento textual em Gramática Sistêmico-Funcional. Tese de doutorado em desenvolvimento. Porto Alegre: CNPq/Programa de PG em Letras da UFRGS/Programa de PG em Letras da PUCRS.
- Rizzi, L. (1997) The fine structure of left periphery. In L. Haegeman, ed., *Elements of grammar*, p.281-337. Dordrecht: Kluwer.
- Roberts, C. (1996a) Information Structure in Discourse: Towards an Integrated Formal Theory of Pragmatics. In J. H. Yoon & A. Kathol, eds., *OSU Working Papers in Linguistics 49: Papers in Semantics*, 91-136.
- Roberts, C. (1996b) Anaphora in intensional contexts. In S. Lappin, ed., *The Handbook of Contemporary Semantic Theory*, p.217-246. Oxford (Ingl.): Blackwell.
- Rodrigues, G.; Menuzzi, S. (2007) Estruturas Marcadas no Português Brasileiro: Deslocamento-à-Esquerda e Topicalização Contrastiva. Trabalho a ser apresentado no Salão de Iniciação Científica da UFRGS. Porto Alegre: CNPq/Programa de PG em Letras da UFRGS.
- Santos, J. (2006) Mecanismos sintáticos e estruturação de parágrafos. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: CAPES/Programa de PG em Letras da PUCRS.
- van der Sandt, R. (1992) Presupposition projection as anaphora resolution. *Journal of Semantics* 9, 333-377.
- van Kuppevelt, J. (1996) Directionality in Discourse: Prominence Differences in Subordination Relations. *Journal of Semantics* 13, 363-395.
- van Kuppevelt, Jan (1995) Discourse Structure, Topicality and Questioning. *Linguistics* 31, 109-147.